

# Humberto D

## e o neo-realismo (1)

por JOSÉ CARDOSO PIRES

Penso muitas vezes que as coisas mais decisivas na aventura do Homem acontecem com uma simplicidade que desmente todas as expectativas. E' assim, em muitos casos, a morte do homem — simples fim — despojada dos pavores e das agonias que se temiam. E' assim o acto de nascer. E é assim a poesia do quotidiano

Uma breve cerimónia, uma assinatura, um acto de posse, marcam o destino do indivíduo ou da colectividade e podem subscrever uma função que o transcende para sempre. Esta primeira sessão do Cine-Clube do Barreiro traz por isso compromissos com o futuro, apesar da simplicidade quotidiana de que se reveste.

Não sou um apóstolo da arte superior do Cinema nem considero um cine-clube como uma espécie de clube jacobino em que, de manhã á noite, se não pensa noutra coisa do que em fichas técnicas, filmologias de toda a ordem e erudição da sétima arte. Um cine-clube, arrisco-me a dizê-lo com alguma timidez diante deste auditório, afigura-se-me não como uma academia mas como uma associação de interessados que completam a obra cinematográfica na medida em que a discutem, a meditam e preparam um publico para a compreender. Num tempo de solidão como o nosso, este propósito de diálogo e de **procurar compreender** é em si mesmo significativo e encorajador.

**Humberto D**, filme do quotidiano e protesto contra a solidão, é, portanto, a assinatura responsável que firma aqui o início de um contrato de esclarecimento da arte do Cinema em relação a um publico de largas camadas.

Zavattini escreveu no seu **Diário** que o «filme-limite», a meta desejada da sua carreira de argumentista, seria contar 24 horas da vida de um homem em que se não passasse nada. Conseguiu-o no maravilhoso album da rotina diária a que chamou **Italia Mia** e na criação da tragédia anónima que passou á categoria de monumento sob o título de **Humberto D**.

Exemplos da exploração do facto banal, do facto aparentemente sem expli-

cação superior, encontram-se, de ponta a ponta, neste filme de Sica-Zavattini. Não vale a pena relembrar a cidadíssima sequência de abertura apontada por todos os especialistas, nem as dezenas de momentos em que a realidade trivial é levantada do mundo das **coisas sem importancia**.

No que vale a pena talvez reflectir é na concepção de Arte que está por trás dessa maneira de representar a Vida e na concepção de Herói que aí está implícita.

Sabemos há muito como alguns teóricos de um certo neo-realismo se agarraram á divisa do «Herói colectivo» por pura superstição do Herói clássico. Herói colectivo seria o Povo (que neste caso figurava como uma generalização abstracta) ou o Grupo, ou o movimento do Grupo — generalizações ainda. E sabemos o que isto trouxe de demagogias literárias no caso português. Falava-se de «optimismo» dando-lhe um sentido obrigatório e um conteúdo fatalista deslocado da evolução dos acontecimentos históricos; enunciavam-se razões «construtivas» sem explicar essas razões dentro da lógica dos sentimentos ou das reacções que são, afinal, a substancia da verdade transmitida sob a forma de um poema, de um romance ou de um filme. Com bons sentimentos (**apenas**) não se faz literatura; mas só com boas ideias também não.

Aquilo que muitos escritores praticaram (e praticam ainda nalguns casos) sob o rótulo neo-realista, appareceu com um halo romantico, de naturalismo exaltado que desmentia os graves e decisivos propósitos do neo-realismo.

Será necessário lembrar o que este populismo de novas máscaras significa não só na arte ou na literatura mas na própria marcha da História do nosso País, cujas forças mais autênticas apparecem assim representadas? Será preciso ir buscar aos clássicos da teoria neo-realista o acento dinamico (**dinamico**, insisto) de «optimismo» para que certos avatares neo-realistas surjam a claro na dimensão que lhes compete de fotógrafos amadores do exótico dos desprotegidos?

\*\*\*\*\*